

PRADO MINEIRO: DO TURFE AO FUTEBOL – A FORJA DE UM ESPAÇO ESPORTIVO EM BELO HORIZONTE (1904-1920)

Georgino Jorge de Souza Neto¹
Sarah Teixeira Soutto Mayor²

Resumo: Este estudo teve por interesse analisar a construção do primeiro estádio de Belo Horizonte, o Prado Mineiro, inicialmente construído para o turfe e posteriormente apropriado pelo futebol. A metodologia utilizada centrou-se em fontes periódicas, notadamente os jornais impressos à época, que reverberavam o cotidiano da capital mineira. Foi possível constatar a ocorrência de um movimento característico, qual seja, a tentativa de implantação de uma mentalidade antenada aos ares da modernidade. Uma das estratégias para consecução de tal projeto passou pelo discurso e pela prática do esporte, como uma nova possibilidade de ser e estar na cidade. Neste sentido, a ocorrência do turfe atrai, na sua órbita, uma série de mudanças espaciais. A principal delas seria a construção de um hipódromo condizente com os padrões europeus e da Capital Federal. No entanto, a população não se entusiasma com a prática turfística e o futebol acaba sendo o maior protagonista daquele espaço, realizando ali suas principais partidas ao longo da década de 1910.

Palavras-chave: Belo Horizonte; Estádio; Turfe; Futebol.

Prado Mineiro: From Turf to Football - The Forge of a Sporting Place in Belo Horizonte (1904-1920)

Abstract: The aim of this study was to analyze the construction of the first stadium of Belo Horizonte: Prado Mineiro. Methodology was focused on periodic sources, mainly the printed newspapers that reverberated the daily life of the state capital. It was found the occurrence of a characteristic movement, that is, the attempt to establish a mindset attuned to the air of modernity. One of the strategies to achieve this project was by discourse and practice of sport, as a new possibility of being and being in the city. In this sense, the occurrence of horse racing draws a number of spatial changes around it. The main one would be the construction of a consistent racetrack with European standards and the Federal Capital. However, people are not enthusiastic about the turf practice and football began the major protagonist on that space there performing its main matches throughout the 1910s.

Keywords: Belo Horizonte; Stadium; Horseracing; Football.

¹ Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, MG, Brasil. E-mail: netogeorgino@gmail.com.

² Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: sarahtsouttomayor@hotmail.com.

Apontamentos Iniciais

Tencionamos neste trabalho a elaboração de uma investigação histórica sobre o primeiro estádio da cidade de Belo Horizonte, denominado Prado Mineiro. Neste sentido, vale destacar os sentidos e interesses que possibilitaram o surgimento de tal empreendimento. Pensada como uma capital que pudesse atender às demandas de uma sociedade dita “moderna”, Belo Horizonte, criada em 1897, logo se vê como um espaço receptor de experiências em sintonia com um novo modo de vida.

A construção do Parque Municipal na região central da cidade, bem como o surgimento de cafés e cinemas são emblemas significativos de um comportamento social que se buscava distinto daquele atrelado ao conservadorismo tradicionalista, tão arraigado ao estereótipo da “Minas da terra”, agrícola, familística e ordeira (CARVALHO, 2005). Nesta perspectiva, o ideário moderno, presente nas prescrições de intelectuais e estadistas, visava uma transformação dos costumes dos mineiros que residiriam na nova capital, muitos deles oriundos do antigo centro administrativo colonial, Ouro Preto.

O esporte e o lazer foram parte importante deste processo, já que no começo do século XX, a prática de atividades relacionadas a estas possibilidades de usufruto do tempo foi valorizada como uma condição privilegiada de existência e de pertencimento na cidade. Em diálogo com o que já era vislumbrado em capitais mais consolidadas, como Rio de Janeiro e São Paulo, Belo Horizonte procurava se criar (e se recriar, se pensarmos que muitos de seus habitantes já viviam no contexto das “arcaicas” cidades mineiras) e, neste intento, buscava-se uma das características que Sevckenko (1998, p. 33) narra na cidade de São Paulo, nos anos iniciais do século XX: “o antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está”.

No contexto específico do esporte, o turfe, o ciclismo e o futebol deram centralidade às primeiras vivências abrigadas pela nova capital mineira³. É neste cenário que a necessidade de uma estrutura adequada para o desenvolvimento de uma “sociedade esportiva” surge. Espaços apropriados se tornam uma demanda imprescindível para a forja desta original conjuntura.

O Prado Mineiro se tornaria a primeira construção erguida na geografia belo-horizontina com a configuração de “estádio”. Primeiramente construído para abrigar as elegantes e concorridas corridas de cavalos, em incentivo à prática esportiva do turfe, o Prado sucumbiria à força de penetração e ao crescente apelo popular que o futebol ganharia em início dos anos 1910.

Percursos e fontes

A pesquisa se desenvolveu, especialmente, por meio da seleção e análise de periódicos – jornais e revistas – que circularam na capital mineira entre os

³ Ver estudo empreendido pela pesquisadora Marilita Rodrigues (2006), em sua tese de doutoramento *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*.

anos de 1904 e 1920. Também foram consultados documentos administrativos oriundos da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. O recorte temporal foi estabelecido a partir das primeiras tratativas para a construção do Prado, até o momento em que este torna-se obsoleto para o movimento esportivo da cidade.

Os impressos pesquisados estão alocados na Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, situada em Belo Horizonte; no sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte; no Museu Histórico Abílio Barreto, situado à mesma cidade; e na Coleção Linhares, atualmente sob a guarda da Universidade Federal de Minas Gerais. Esta última comporta um rico acervo com mais de oitocentos títulos de jornais e revistas mineiras, acumulados por Joaquim Nabuco Linhares, um cidadão que se dedicou à coleta e guarda de variados impressos, entre o final do século XIX e meados do século XX.

Para a escrita desse artigo foram consultados os seguintes jornais: *Folha Pequena*, *Estado de Minas*, *Minas Geraes*, *Diário de Minas*, *A Epocha*, *O Rebate*, *Diário de Notícias*, *O Binóculo*, *A Gazeta*, além das revistas *Vida Mineira* e *Tank*.

A construção de uma construção: uma arquibancada para o esporte belo-horizontino

O periódico *Folha Pequena* destaca, no ano de 1904, a importância que a construção do Prado Mineiro teria para a sociedade de Belo-Horizonte (ou parte destacada dela). A nota traz uma descrição entusiasmada do jornalista:

Vimos hoje a planta do pavilhão e archibancadas que a directoria do Prado Mineiro, desta capital, adoptou e vae mandar construir brevemente. O pavilhão central, destinado aos sócios, é de forma elegante com altura sufficiente a dominar toda a área do prado, e as archibancadas para os espectadores, extensas e confortáveis, estão dispostas aos lados no mesmo nível, tendo o pavimento térreo, á direita os compartimentos da pezagem e venda de poules e á esquerda accomodações especiais para botequins etc. O pavilhão tem uma vistosa cúpula, onde tremula o estandarte da associação, e toda a cobertura das archibancadas é tornada de lambrequins e arabescos de muito gosto, dando a todo o edificio o aspecto sportivo dos grandes prados europeus.⁴

A cultura europeizada demarcava uma distinção, que a nova ordem da República entendia como parte fundamental de uma transição e de uma mudança necessária aos olhos daqueles que se colocavam à frente de tal projeto de socialização. A construção do Prado Mineiro atendia a uma lógica adequada aos novos tempos. Baseada em uma arquitetura europeia, o pavilhão se tornava o emblemático espaço de encontro e convergência de uma cidade que deveria se tornar cada vez mais pública. Os esportes e os divertimentos ao ar livre se tornavam as principais ferramentas para a consecução afirmativa desta intenção.

⁴ *Folha Pequena*, 25 nov. 1904, p. 1.

A ideia de se construir um espaço próprio para abrigar as corridas de cavalo nasce junto com a pretensa cidade moderna. A Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) já previa a reserva de um terreno para a prática do turfe. A pesquisadora Marilita Rodrigues (2006, p. 124) descreve que:

Com um local específico reservado pela CCNC na planta da cidade para a construção de um hipódromo na esplanada, que ficava entre o bairro do Barro Preto e o subúrbio do Calafate, logo após a inauguração da capital, algumas pessoas que buscavam promover negócios e divertimentos cogitaram de fundar na cidade um clube de corridas.

Dentre as primeiras tentativas para concretizar o projeto do Prado destaca-se a iniciativa do coronel João Alfredo de Athayde, que havia principiado tratativas, já no ano de 1902, com o então prefeito Bernardo Monteiro. Em uma carta endereçada ao prefeito, Athayde faz saber do seu intuito, de construir um hipódromo, com capacidade para quatro mil pessoas, no mesmo local previamente destinado pela CCNC e, adotando como modelo, qualquer um existente no Rio de Janeiro, então Capital Federal.⁵

Bernardo Monteiro, então, firma parceria com o coronel João Alfredo Athayde, e no Relatório Anual da Prefeitura expõe os termos e dá publicidade ao ato. O texto do relatório esclarece:

A 7 de maio do corrente anno, firmei com o sr. coronel João Alfredo de Athayde ou companhia que organizar, contracto para construcção, uso e gozo de um prado de corridas no lugar designado na planta geral da cidade, approvada pelo decreto n.817 de 15 de abril de 1895. O prado terá capacidade para mais de 5000 pessoas, modelado pelo que houver de melhor. O contractante obrigou-se a iniciar as obras dentro de 8 meses e a conclui-las definitivamente dentro de um anno [...]. A Prefeitura consedeu-lhe isenção de impostos pelo prazo de 5 annos, obrigou-se ainda a fornecer-lhe água potável necessária e a extender até o local do prado a linha de bonds actualmente em construcção, de modo a funcionar tudo por ocasião da inauguração do hippodromo. No caso de não lhe ser possível a construcção deste trecho de bonds, dar-lhe-á a Prefeitura o privilégio por 15 annos, para uso e gozo de uma linha de bonds por tracção animal, partindo do ponto mais conveniente da viação urbana até o referido local, sendo distribuída neste caso á Prefeitura 3% da renda líquida do tráfego, verificada semestralmente, podendo ser encampada a dita linha a todo o tempo, pelo preço do orçamento, que será feito e approvedo pela Prefeitura. O terreno tem 19 hectares. Com verdadeiro contentamento, vi organizar-se prontamente nesta cidade uma

⁵ ATHAYDE, João Alfredo. Carta assinada por João Alfredo Athayde, endereçada ao Prefeito da capital, em 29 abr. 1902. Documento B preservado na pasta n. 31 da Divisão de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1902.

sociedade anonyma para execução d'este utilíssimo empreendimento [...].⁶

O ato político reverbera socialmente. A ideia da construção do Prado Mineiro revolve os ânimos da população belo-horizontina, que via no espaço uma possibilidade de diversão (ainda que distintiva), em uma cidade recorrentemente criticada pela falta de locais e hábitos de divertimento, via de regra sendo chamada, jocosamente, de “tediópolis”. O periódico *Diário de Minas* anunciava, com destacada ênfase, a assinatura do prefeito com o coronel João Francisco Athayde, em sua primeira página, reservando duas notas que ocupavam grande parte das principais notícias. Em uma delas, intitulada *Turf Mineiro*, o texto anuncia:

Foi lavrado hontem entre a Prefeitura e o sr. coronel João Athayde contrato para a construção de um prado de corridas nesta cidade, no local demarcado pela extincta comissão constructora para hippodromo da Capital, na esplanada que fica entre o actual bairro do Barro Preto e o suburbio do Calafate. [...] O plano do prado, incluindo perfil da raia e desenho das archibancadas foi confiado a um competente engenheiro da Capital Federal, que à technica de professional reúne habilidade delicada de fino e entendido *sportman*. O desenvolvimento da pista será, parece-nos, identico ao do Derby-Club do Rio, com 1870 metros de extensão. As archibancadas serão construídas para quatro mil pessoas, tendo além dos pavilhões para socios e para o publico um pavilhão central para a directoria e autoridades superiores do Estado, quando convidadas. O sr. coronel Athayde planeja a organização de uma sociedade anonyma para a construcção e manutenção do prado horizontino, ideia que tem encontrado franco enthusiastico apoio em nossa melhor sociedade [...]. Com a construcção do prado da cidade coincidirá a installação provável de coudelarias de animaes de raça, além dos parelheiros de sangue que, consta, virão do Rio disputar aqui os primeiros prêmios. A fundação do turf em Bello Horizonte é um acontecimento cujo valor não precisamos encarecer. Damos por ele, parabéns à cidade.⁷

O jornal ainda traz, em sua primeira página, na seção *Echo* (que notadamente repercute acontecimentos de cunho social), outro texto, apoiado sobre a necessidade de espaços de divertimentos públicos para dar vida e ânimo à cidade. Assim, destaca o periódico:

Uma boa noticia, tanto mais sensível quanto veiu de surpresa: a promessa de um *turf* na Capital [...]. Também o coronel Athayde [...] não podia estar tanto tempo em Bello Horizonte sem dar signal de si. O seu espirito vivace, educado na bella e movimentada vida

⁶ BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Relatório de 1899/1902, 1902, p.55-56.

⁷ Turf Horizontino. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, 08 mai. 1902, p. 1.

carioca, havia de forçosamente desdobrar-se em iniciativas felizes [...]. E veio o *Derby*, como viera ha tempos a tentativa de um café-concerto, que morreu de frio ao nascer. Daqui a alguns meses (como é bom sonhar cousas belas!) a cidade, vigorosamente modificada pelo *bond*, pela gente nova que virá de toda parte com as repartições, com as fabricas, com as fardas do 28^o, pelos novos edificios construídos nas ruas onde o carril electrico levara alma e seiva – terá nos dias festivos a feição distincta que o *sport* imprime aos bairros, aos dias e às cidades em que impera; a avenida Paraopeba, rasgada largamente até o prado de corridas, dará passagem aos carros descobertos e aos cavaleiros galhardos, à representação da *urbs* a caminho do Derby. Rutilarão ao sol as garridas *toilettes* das damas, os para-sões de seda multicores, de tintas álacres, as joias finas e polidas; e os bonds circularão cheios do rapazio bohemio e do povo domingueiro [...]. E à tarde, tumultuantes a archibancada e a *pelouse*, vibrarão entusiasticamente a multidão quando no outro extremo da raia, destacando o contorno vivo das camisetas variegadas no fundo verde sombrio da collina, avançarem vigorosamente os contendores, lutando sempre, disputando a palmo o terreno, até decidirem, já na curva ultima, o pareo emocionante no victorioso *rush* final. Bello Horizonte carece de emoções e é isto que trará o Derby... Vibrar, viver!⁸

Abílio Barreto (notório memorialista local) aponta que em 17 de maio daquele ano, o coronel Athayde já havia subscrito quantia superior a 50 contos para a construção do Prado e que a sua respectiva planta, ficaria exposta na casa comercial do senhor Narciso Coelho, a partir de 10 de junho de 1902. A partir daí, segundo Barreto, constituiu-se a *Companhia Anonyma Derby Mineiro*⁹.

Com as obras de nivelamento do terreno previstas para o final do mês de maio, projetava-se o início das obras de construção para 1^o de julho e a sua conclusão para o final de setembro¹⁰, porém, mesmo com todas essas ações e projeções, a iniciativa acabou não se concretizando, pois em 9 de dezembro de 1904 foi decretada a caducidade do contrato por falta de cumprimento de cláusula nele prevista.

Ainda em 1904 (antes mesmo de decretada a caducidade do projeto), outro grupo se formaria para levar adiante a consecução do soerguimento do Prado, fundando a *Sociedade Anonyma Prado Mineiro*. Segundo o periódico *A Epocha*:

Um grupo de cavalheiros da nossa melhor sociedade pretende fundar nesta capital uma sociedade sportiva para corridas de cavallos, a qual já conta com os melhores elementos. Não terá ella ligação alguma com as associações recreativas aqui existentes. Será organizada em bases completamente novas, de maneira a

⁸ Turf Horizontino. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, 08 mai. 1902, p. 1.

⁹ BARRETO, Abílio. Os desportes antigos na capital I: Turf Prado Mineiro. Belo Horizonte, [s.d.], p. 3. Museu Histórico Abílio Barreto. ABPi 4/012. Manuscrito.

¹⁰ Derby Horizontino. *Diario de Minas*, Bello Horizonte, 26 mai. 1902, p. 1.

offerecer inteira garantia aos associados. A julgar pelo entusiasmo que tem despertado a idéia, dentro em breve se converterá em realidade, dotando-se a nossa capital com mais esse gênero de diversão interessante e proveitoso.¹¹

Os Estatutos da *Sociedade Anonyma Prado Mineiro*, publicados no jornal oficial do Estado (Minas Geraes) de 24/25 de outubro de 1904, esclareciam que a sociedade tinha, como objetivo, “por meio de corridas, exposições de outros divertimentos e meios de seu alcance, promover o desenvolvimento da raça cavallar neste estado”.¹² No entanto, a liberação pela Prefeitura foi dada somente em 5 de janeiro do ano seguinte, com a assinatura de um contrato, nos mesmos termos do realizado com o grupo do coronel Athayde, em 10 de janeiro de 1905.¹³

Após tratativas e negociações, a construção do Prado foi iniciada no começo do ano de 1906 e o levantamento da cumieira das arquibancadas foi marcado por um evento festivo que mereceu destaque nos jornais da capital:

No dia 6 foi levantada a cumieira do pavilhão que se acha quase concluído faltando as archibancadas. Hasteado o pavilhão nacional foi levantada ao estourar de foguetes, servido um copo de cerveja e doces. Orou o Dr. Agostinho Penido, respondendo o coronel Lopes de Figueiredo que falou das dificuldades com que a sociedade tem luctado para levar avante a grandiosa idéia [...]. O local é agradabilissimo e de lá descortina-se parte da cidade. [...] A directoria espera concluir o Prado até junho próximo.¹⁴

Contudo, essa nova etapa da construção do Prado não se dá de maneira passiva. É possível captar, numa cronologia dos periódicos da época, toda uma tensão por detrás da intenção. No *Estado de Minas*, publicado no dia 07 de janeiro de 1906, uma nota faz referência à edificação do dito espaço. No texto, percebe-se claramente um tom de cobranças, aliado a um tácito apoio ao projeto. Tal episódio foi assim noticiado:

Como se sabe, trata-se de construir no Calafate um prado de corridas, organisando-se para isso uma companhia e tendo a prefeitura assumido a responsabilidade da construção de uma linha de bondes para esse bairro afastado. Os serviços do prado foram iniciados e ficou contractada com os Srs. Garcia de Paiva & Comp. a construção de archibancadas etc. pela quantia de réis 11:000\$ [...]. Até ahi as cousas vão muito bem [...]. Mas até hoje nada se fez e nada se fará, ao que parece, para o serviço da linha

¹¹ *A Epocha*, 28 ago. 1904, p. 3.

¹² ESTATUTOS da Sociedade Prado Mineiro. Minas Gerais, Bello Horizonte, p.6, 24-25 out., 1904.

¹³ Termos de contrato feito entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e a Sociedade Anonyma “Prado Mineiro”, para construção, uso e gozo de um prado de corridas nesta capital. 10 jan.1905. Assinaram o contrato o coronel Francisco Bressane de Azevedo, prefeito; coronel Manoel Lopes de Figueiredo, presidente da Sociedade Anonyma Prado Mineiro; Antônio Prado Lopes Pereira e Olympio Moreira. (BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Termo de contrato... 1905.)

¹⁴ Prado Mineiro. *O Estado de Minas*, 11 mar. 1906, p. 2.

de bondes, porque a *política* se meteu nesse melhoramento. O Sr. Dr. Antonio Carlos, como Prefeito, quis fazer um accordo com o presidente da companhia do prado, pagando a Prefeitura as despesas feitas no prado, afim de não ser obrigada a construir a linha de bondes. O obstaculo que houve nisso foi o contracto da construcção de archibancadas, que já estão promptas e cujo valor a Prefeitura não quiz indenizar. Ultimamente, porém, o Sr. Dr. Antonio Carlos já combinou pôr agua no prado em vez de construir, à custa da Prefeitura, a linha de bondes, sem a qual nada valerá o prado, e nem poderá progredir o Calafate. Está chamada a concorrência para a construcção da caixa d'agua e o serviço da linha de bondes não se fará [...].¹⁵

O embate no campo político respingava nos meandros da construção do Prado Mineiro. A crítica do periódico *Estado de Minas* refletia o estranhamento entre setores da política na cidade, permeado por interesses e conveniências. A cobrança por uma estrutura adequada era uma constante, principalmente no que tangia à locomoção e mobilidade das pessoas, haja vista que o empreendimento se localizava há mais de 2 quilômetros do centro, o que, à época, representava uma considerável distância. Novamente o *Estado de Minas* (jornal que fazia oposição política ao então prefeito da capital, Antônio Carlos), encabeçava estas exigências:

Resta agora que a prefeitura não se esqueça da linha de bondes, que se obrigou a construir, como já temos dito muitas vezes, e que, graças a politiquice, até hoje não começada, apesar de ter havido ordem para se atacar o serviço já contratado.¹⁶

Daqui ao prado há, aproximadamente, 2 kilometros de distancia. As primeiras corridas haverá forçosamente curiosos que vencerão essa distancia mesmo a pé; depois alli só irão os Srs. Drs. Salles, Delfim e Antônio Carlos, o compadre Goulart e mais alguns outros felizardos que possuem carruagens mantidas pelo povo [...].¹⁷

Em junho fica prompto o Prado Mineiro e corre como certo que o Dr. Antônio Carlos consentiu que se iniciasse, afinal, a construcção da linha de bondes que a Prefeitura é obrigada a construir para o Calafate. Damos a notícia com a devida reserva porque é sabido que o Dr. Antônio Carlos é o maior inimigo de Bello Horizonte¹⁸.

Mas não era apenas o *Estado de Minas* que se colocava no papel depositor, criticando o processo de construção do Prado (destacadamente a falta da linha de bondes para o deslocamento das pessoas). Assomava-se ao periódico

¹⁵ *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1906, 07 jan. p. 2.

¹⁶ Prado Mineiro. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 mar. 1906, p. 2.

¹⁷ Prado Mineiro. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 abr. 1906, p. 1.

¹⁸ Bondes para o Calafate. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 mar. 1906, p. 1.

outros jornais que ajudavam a fazer o coro de descontentamento. Como exemplo, no periódico *O Rebate*, tem-se a seguinte nota:

O Prado já se fez. No entanto queremos ver se o público chuchador de impostos para goso da malandragem governamental, poderá ir, a pé, até aquelas paragens sem uma linha de *bonds*. O melhoramento é altamente necessário. Que não continue pois, a fazer ouvidos de mercador o Dr. Antônio Carlos e atenda o pedido da imprensa que não vive alugada.¹⁹

As críticas não impediram que o Prado fosse inaugurado, com grande impacto no cotidiano da cidade. No dia 3 de maio de 1906 a obra foi concluída e entregue à diretoria do Prado pelos seus construtores (Garcia de Paiva & Comp.). Obviamente este acontecimento não passaria sem o destaque da imprensa (oposicionistas ou não), que movimentava em suas páginas a implantação (depois de tantos contratemplos) do hipódromo local. A revista *Vida Mineira* enfatiza o ocorrido, descrevendo:

Quinta-feira passada, foi solennemente entregue à Directoria do Prado Mineiro o bello pavilhão construído [...]. Desde cedo, grande foi o movimento de pessoas que de carro, a cavallo e a pé, demandavam o encantador subúrbio. Á uma e meia da tarde chegaram ao Prado os Srs. Drs. Francisco Salles, presidente do Estado, João Pinheiro, Antônio Carlos, Delfim Moreira, Olavo de Andrade, Olynto Ribeiro e major Vieira Christo. Áquela hora, as archibancadas estavam já repletas de distintas famílias e cavalheiros. A pista, de forma elíptica, tem de circuito 1054 e de largura 20 metros, estando já completamente explorada e apta para o funcionamento do apreciado sport [...].

No entanto, mesmo com tantos esforços, as corridas de cavalos pareciam não empolgar demasiadamente a população local. Por ser um esporte reservado à uma esfera diminuta da cidade (a chamada elite ou “escól” social), de difícil acesso e envolvendo altos investimentos financeiros, o turfe não chegaria a ser uma prática duradoura no cotidiano de Belo Horizonte. Ainda assim, nos primeiros anos, o incentivo à participação e frequência ao Prado se destacavam por meio da imprensa. O jornal *Diário de Notícias*, em sua edição de 05 de abril de 1907 reforça o convite à festa esportiva, indicando que “a Directoria do Prado Mineiro tem se esforçado para offerecer à nossa população uma magnífica festa sportiva [...]”²⁰. Esforço que parecia inútil. O mesmo periódico já começava a perceber o quão difícil seria elaborar um discurso de convencimento para que as pessoas comparecessem ao Prado. O jornalista, com tom de aparente desencanto, narrava sua impressão:

¹⁹ *O Rebate*, 09 mai. 1906, p. 1.

²⁰ *Diário de Notícias*. Belo Horizonte, 05 abr. 1907, p. 2.

Quando, ao meio-dia, chegamos ao Prado Mineiro, tivemos serio desanimo de que não se effectuasse antes de hontem a corrida annunciada. O nosso desânimo começou quando ao tomarmos o bonde para lá, justamente na hora em que o movimento deveria ser maior vimos o carro com muitos logares vazios. Pois os que não foram às corridas perderam muito e ainda incorrem na falta de não darem vida a uma diversão tão agradável, que nos leva a um sítio pittoresco, que nos dá um ar soberbo a tonificar os pulmões, que nos encanta, como no domingo, com uma festa magnífica, infelizmente realizada para diminuta concorrência, o que esfria ainda os mais ardentes entusiasmos. [...] Chegou-se a falar no adiamento da corrida, mas a digna directoria, apesar da pequena venda de entradas, não quiz adiar, sujeitando-se, só para servir o público, ao prejuízo.²¹

No ano seguinte, as notas esportivas não seriam mais empolgantes. O jornal *O Binóculo* também constatava a falta de ânimo da população belo-horizontina em se deslocar ao Prado Mineiro para prestigiar o turfe. Em nota intitulada “Campeão-Mor” e publicada no dia 31 de maio de 1908, lia-se:

Com a concorrência medíocre, realizou-se domingo ultimo a 3ª corrida do Prado Mineiro, tendo sido muito commentada a indiferença do publico. É triste, é lastimável que a sociedade bellorizontina ainda não compreendesse a necessidade que há de sancionar com sua presença o esforço dessa meia dúzia de homens de boa vontade, que, num movimento de rara abnegação, resolveram dotar a capital de Minas com um divertimento moderno, agradável, útil em muitos sentidos e que em todo o mundo adquiriu direitos de cidade. Esperamos que a apathia do nosso povo seja transitoria e que ainda cedo possamos dizer: Minas caminha na vanguarda das outras capitais do Brasil²².

A associação da falta de público em um empreendimento dito “moderno” com a notável apatia do povo mineiro construía uma percepção de atraso social em relação a outras cidades/capitais brasileiras. O desejo de um vanguardismo belo-horizontino ficava tão vazio quanto as arquibancadas do Prado. E nada parecia conseguir mudar este cenário. A *Gazeta* também pronunciava seu desalento quanto ao pouco envolvimento da população com as corridas de cavalo:

[...] Ouve-se em toda a parte a cantinela de que não há diversões em Belo Horizonte. Entretanto, o Prado Mineiro esforça-se para dar boas corridas, arranja bondes até a porta, de 10 em 10 minutos, oferece as melhores commodidades no local das corridas, boa banda de musica, optimo restaurant, e por fim manda vir animaes de sangue, para que no Prado compareça meia dúzia de pessoas!! Bello Horizonte já comporta muitas diversões; mas o povo prefere

²¹ *Diário de Notícias*, Belo Horizonte, 21 mai. 1907, p. 1.

²² *O Binóculo*, Belo Horizonte, 31 mai. 1908, p. 10.

deixar-se ficar em casa, a procurar momentos de distrair o espírito. É um snobismo difícil de combater-se. Em todo caso, aconselhamos a população da capital a sacudir de si este insuportável snobismo, este pá cacete, implicante, e apareça radiante ao Prado, para as excellentes corridas que allí se realizam. O lugar é aprazível e comodo, offerecendo uma bella vista, um panorama soberto e uma miração agradabilíssima²³.

Os discursos da imprensa davam a impressão de serem previamente formatados em unísono, apontando duas perspectivas: uma, de criticar a falta de público no Prado Mineiro, usando da retórica da apatia e do esnobismo do mineiro; e outra, do incentivo e da promoção à frequência ao espaço, com a tentativa de convencimento via apropriação de uma saudável diversão e de um desenvolvimento social sintonizado com os novos tempos.

Fato é que os anos seguintes não vislumbrariam mudanças neste sentido e o Prado caminharia a passos largos para uma frustrante míngua. O ano de 1911 marcou a ocorrência do último páreo, em 25 de junho, encerrando a primeira e curta fase do turfe mineiro.

O fim da *Sociedade Anonyma Prado Mineiro* se daria em 1912, quando da cessão dos bens móveis e imóveis da Sociedade para o Governo do Estado, conforme indica o texto da correspondência do secretário da Agricultura do Estado ao prefeito de Belo Horizonte, datada de 6 de maio de 1912, que expõe o interesse do governo em se apropriar do local. A proposta do Governo foi aceita pela Diretoria do Prado, que oficializou o repasse dos terrenos ao poder público estadual²⁴.

Contudo, o arrefecimento do turfe vinha a *pari passu* com o crescimento de outras práticas esportivas na capital, destacadamente o futebol, que nos primeiros anos da década de 1910 já ocupava destacado espaço no cotidiano da cidade. Algumas notas de jornais dão a dimensão da cooptação do espaço do Prado Mineiro no sentido de abrigar outras experiências ligadas ao *smartismo*²⁵ e ao esporte. Ainda no ano de 1912, um grande número de pessoas acorreria ao Prado para assistir a uma demonstração de aviação. Segundo o *Estado de Minas*, uma verdadeira “multidão” prestigiou o evento, “ansiosa por assistir á estréia do novo aparelho, a que o aviador deu o nome de Bello Horizonte”²⁶. É fato que o avião sequer saiu do chão, frustrando a massa de sujeitos que ali estava. Todavia,

²³ A *Gazeta*, Belo Horizonte, 7 mai. 1908, p. 2.

²⁴ SOUSA. Carta do Secretário... em 22 outubro de 1912. In: Seção de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, pasta “Prado Mineiro”.

²⁵ Aqueles que, na passagem do século XIX para o XX, se dedicavam a construção de uma aparência pessoal ligada a símbolos da modernidade, tanto no vestuário como nos gestos e nos comportamentos, eram chamados de *smarts*. O adjetivo não era exclusividade do sexo masculino, embora na maior parte das vezes fosse aplicado ao comportamento e aparência dos cavalheiros que davam atenção especial à moda. *Smart* também poderia se referir a um grupo de pessoas, a certas expressões (geralmente estrangeiras), assim como certos ambientes. Para ser *smart* não bastava ser elegante, era preciso ser moderno, parecer moderno, estar investido dos símbolos da modernidade, tanto nas atitudes tomadas em público, quanto nas opções feitas nas visitas ao alfaiate.

²⁶ *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 jun. 1912, p. 1.

o espetáculo promovido pelo *Yale Athletic Club*²⁷ já demonstrava que o espaço do Prado poderia servir a demandas outras, notadamente vivências de lazer ligadas ao campo das festas esportivas.

Mas, realmente, seria o futebol a se apropriar decisivamente da estrutura do Prado. Com suas principais partidas sendo realizadas no Parque Municipal ou nos campos (com pouca estrutura) dos próprios times, o espaço do Prado Mineiro aparecia como solução urgente para este imperativo. Mesmo com jogos esporádicos ocorridos no Prado desde 1909, conforme noticiava o *Diário de Minas*²⁸, a maior parte dos embates futebolísticos se dava mesmo em outros locais. Um exemplo seria a partida amistosa entre o *Sport F. C.* (de Belo Horizonte) e o *Riachuelo F. C.* (do Rio de Janeiro), em que o time da capital mineira saiu vencedor pelo score de 4x1, ocorrida no campo do *Sport Club*, nas dependências do Parque Municipal (PENNA, 1997).

O *Club Athletico Mineiro*, fundado em 1908, também possuía o seu “campo”. Inicialmente situado na rua Guajajaras, entre as ruas São Paulo e Curitiba, o terreno era completamente irregular e não media mais do que 30 metros de largura por 70 de comprimento, e sequer havia marcas laterais. Em 1911, o clube conseguiu do prefeito à época, Olinto Meirelles, a cessão do campo²⁹ que havia sido utilizado pelo primeiro clube de *football* da cidade, o *Sport Club* (ZILLER, 1997).

A Avenida Paraopeba convergia para si os principais “campos” de futebol de Belo Horizonte. Estavam nela, além do campo do *Athletico*, os campos do *Yale* e do *America* (os principais clubes da cidade naquele momento). No caso do *Yale*, o clube receberia, em setembro de 1911, a concessão oficial do terreno pela prefeitura, através da Lei n. 53, datada de 30 de setembro (PENNA, 1997).

O *America F. C.* também lançava mão de um espaço próprio para suas contendias. Num primeiro momento, apropriara-se de um terreno da Prefeitura situado entre as Ruas Timbiras, Espírito Santo e Avenida Álvares Cabral. Segundo Halfeld, o campo sequer era gramado, e possuía um piso “macadamizado”. Ainda, conforme o autor:

[...] Os nossos ‘goals’ primitivos, do tempo pré-histórico do ‘America’... eram feitos de dois montes de pedras. Sim, na conquista de ‘goals’ a bola passava a altura do ‘keeper’ variava com o tamanho dos ‘keepers’ e com o critério alterável do juiz [...]. Si o ‘goal’ variava de altura, variava também de largura – era questão de, em dado momento, o ‘keeper’ aproximar os marcos, isto é, os montes de pedras, tornando-se as suas defesas mais fáceis e a conquista, mais dificultada para o ‘forward’contrario!... Bolas ‘out-

²⁷ *Yale Athletic Club* foi fundado em Belo Horizonte no ano de 1910 e visava a promoção e difusão do esporte na cidade, organizando festivais esportivos com o intuito de promoção social e convívio público. Convém lembrar que o futebol se destacava enquanto prática privilegiada, ainda que outras vivências esportivas se situassem como parte integrante do seu rol de atividades.

²⁸ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 13 set. 1909, p. 2.

²⁹ Este campo era situado na Avenida Paraopeba (hoje Avenida Augusto de Lima, na região central da cidade). Atualmente se localiza neste espaço o Minascentro, um importante centro de convenções de Belo Horizonte.

side’ – raramente as haviam, porque os limites lateraes eram imaginários e, a forciori, não exigiam ‘linesmen’!³⁰

Todos estes campos, no entanto, ainda não condiziam com a lógica de um “estádio”, com uma estrutura que garantisse ao espetáculo (e ao público assistente) as condições necessárias para concorrer com outras praças esportivas. Com uma maior organicidade e menor efemeridade dos clubes, o futebol exigia novas configurações (dentre elas, a de um local apropriado para a realização dos jogos). Em 1914 foi instituído o campeonato “Taça Bueno Brandão”, disputado entre os primeiros times do *Athletico*, do *Yale* e do *America*. Embora a organização da disputa coubesse aos próprios sócios dos clubes participantes, este torneio se tornou um marco impulsionador para a criação de uma Liga de futebol da cidade. A fundação de uma Liga representativa demonstrava a necessidade de uma outra lógica de organização, de uma nova exigência para gerenciar a ideia do espetáculo. Este campeonato garantiria de vez a apropriação do Prado Mineiro como espaço principal do futebol na cidade.

O Prado seguiria, ao longo da década de 1910, sendo o principal espaço institucionalizado na capital mineira para a prática do futebol, que ganhava cada vez mais destaque no cenário social da cidade. A imprensa destacava a importância do estádio para os belo-horizontinos, boa parte deles já imbuídos do espírito esportivo que os elevava à categoria de *sportman* e *sportwoman*.

No entanto, às portas da década seguinte, o estádio parecia ter se tornado acanhado para as pretensões que a lógica do espetáculo esportivo buscava. Os mecanismos da diversão espetacularizada se desenvolveram rapidamente, sempre visando o público espectador. O transporte público passava a atender uma demanda até então inexistente. Pela relativa e incômoda localização do Prado Mineiro, que era considerado distante do centro urbano e de difícil acessibilidade, ações pontuais intencionavam minimizar esta questão. Em um Festival da Liga Mineira de 1917, anunciava-se: “[...] haverá bondes para o Prado de 5 em 5 minutos”³¹. Ou ainda, em 1919, quando do encontro interestadual entre os combinados carioca e mineiro, para o qual “a assistencia no importante jogo vai ser colossal, devendo, portanto, a Liga Mineira tomar providencias para facilidade de locomoção dos assistentes”.³² Nesta perspectiva, é esclarecedor o fato de que:

Isso estava obviamente relacionado com os próprios movimentos de urbanização das cidades. Com a expansão das cidades, o oferecimento de meios de transporte adequados foi uma dimensão importante para garantir o progresso. Da mesma forma que a melhoria do sistema de transportes foi fundamental para o sucesso dos clubes, já que permitia o afluxo da população aos eventos,

³⁰ HALFELD, Guilherme. *De pequenas brincadeiras muitas vezes nascem grandes cousas: um pouco da historia do America Football Club, por um americano fundador*. Minas Gerais, Bello Horizonte, 19 maio 1928. (recorte do Arquivo Privado do Abílio Barreto – MHABABPi 7/061).

³¹ *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 11 fev. 1917. Seção Festas e diversões (Sports), p.7.

³² *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 09 ago. 1919. Seção Sports, p.7.

também as instalações esportivas geraram focos de urbanização ao seu redor. (MELO, 2007, p.152)

Porém as reclamações aumentavam com o passar do tempo. A nota do periódico *O Foot-Ball*, intitulada “A necessidade de um campo”, afirmava que “entre as questões que reclamam solução urgente nos ‘matches’ de ‘football’ está por sem dúvida, a dos campos”. Ao cobrar a construção de mais campos de futebol, o periódico levava em consideração o fato do ‘Prado’ ser o único, nesta capital, que oferece maiores comodidades aos espectadores”. Acrescentava ainda que “é esta uma questão de alta gravidade e que se impõe como necessidade orgânica do football”³³.

Um novo campo de futebol já ecoava como importante e urgente realização, posto que, além da distância, o Prado Mineiro não comportava mais do que 1.500 espectadores sentados. Certamente, o aumento da assistência presente aos jogos significava também um aumento dos lucros advindos das partidas. A maior comodidade do público era também lembrada como uma outra necessidade a ser alcançada. Embora a cobrança do jornal *O Foot-Ball* tenha ocorrido em 1917, a Revista *Tank* retomava o assunto, obviamente não solucionado em 1919, data da publicação. Nela, um trecho do artigo intitulado “A Liga Mineira” apontava:

Para esses tempos aureos, já se taçam no papel os castellos das futuras archibancadas e demais dependencias, á semelhança das que enfeitam as adjacencias dos rectangulos desportivos do Rio. Uma cousa, porém desde já ficou assentada: a mudança do campo da Liga para o terreno do Parque onde outr’ora existiu o campo do finado Sports Hygienicos. Acabou-se o martyrio da poeira do Calafate que o nariz bello-horizontino supportava a custo e o maldito acotovelamento dos bondes cheios, que eram os desmancha-prazeres da brigada marmanja dos torcedores e da cohorte louçã das torcedoras gentis³⁴.

No entanto, o campo da Liga que seria construído no terreno do Parque não se concretiza, e um novo estádio na cidade é inaugurado em 1923, sob os auspícios do América F. C. e do imperativo de um espaço que já se fazia premente no cotidiano dos esportistas locais. Assim, o Prado perderia o seu protagonismo como principal palco das disputas futebolísticas no início da década de 1920, retomando sua original demanda (como hipódromo da cidade de Belo Horizonte) em outubro de 1938, quando foi reinaugurado.

Considerações Finais

O início do século XX demarca a estruturação de um novo tempo. Valores e comportamentos são profundamente alterados por uma outra ordenação,

³³ *O Foot-Ball*. Belo Horizonte, 13 set. 1917, p.1.

³⁴ *Revista Tank*. Belo Horizonte, anno I, n. 1, 01 jan. 1919.

calcados na lógica da modernidade e suas derivações. Dentre vários aspectos, a forja de espaços que pudessem abrigar as experiências deste tempo se tornava algo imperioso. Neste particular ínterim, o esporte e o lazer se conformam como práticas progressistas e distintivas, fazendo parte de um projeto modernista que visava à adequação dos sujeitos em um novo mundo.

Mundo este que assiste ao nascimento da capital mineira, Belo Horizonte, sob a égide da perspectiva liberal, como marca tupiniquim de uma *Belle Epoque* que influenciava os principais centros urbanos mundiais. Assim, Belo Horizonte já se projetava (literalmente, já que se tornaria a primeira cidade projetada do país) como um espaço urbano vanguardista, ainda que a educação para os novos hábitos tenha sido algo perseguido ao longo do tempo. No que tange às primeiras práticas esportivas da cidade, o ciclismo, o futebol e o turfe se destacariam como pioneiras.

A inauguração do Prado Mineiro representou, mais que um marco na paisagem belo-horizontina, o simbolismo concreto de uma cidade que buscava o alcance do progresso. Projetado para abrigar as corridas de cavalo, o hipódromo mineiro convergia para si o discurso da cidade moderna, com espaços que pudessem sediar as experiências de um novo tempo.

No entanto, a pretensa “cidade moderna” parecia sucumbir ao arraigado provincianismo das Gerais, e resistia à penetração de práticas de sociabilidade que rompiam com o tradicionalismo. Muitos foram os apelos, notadamente nos periódicos locais, para que a população prestigiasse os páreos domingueiros, mas a aventura do turfe não duraria sequer uma década.

Com o espaço minguando para a sua original demanda, um novo público e projeto se apropriaria dele. O futebol e seus adeptos, que numa segunda fase ganham fôlego e impulso, já reivindicavam um *stadium* que pudesse atender minimamente ao crescimento do esporte em Belo Horizonte. Assim, o Prado Mineiro também pode ser considerado como o primeiro e mais importante espaço com configuração de estádio na cidade, servindo ao futebol entre o início da década de 1910 e início dos anos 1920.

Referências

CARVALHO, José Murilo de. Ouro, terra e ferro: vozes de Minas. In: GOMES, Ângela de Castro. *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007.

PENNA, Octavio. *Notas cronológicas de Belo Horizonte (1711-1930)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997, p. 114.

RODRIGUES, Marilita Aparecida. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006. Tese (Doutorado em História) Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. p. 240.

SEVCENKO, Nicolau. A metrópole irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: (Org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3.

ZILLER, Adelchi L. *Enciclopédia Atlético de todos os tempos: a vida, a luta, as glórias do Clube Atlético Mineiro, o campeoníssimo das Gerais*. 2. ed. Belo Horizonte, 1997.

Recebido em 14 de maio de 2016
Aceito em 02 de julho de 2016